

TÍTULO EM PORTUGUÊS: HISTÓRIAS DE FAMÍLIAS DE PALAVRAS: O CASO DE LARANJA E CIDRA
TÍTULO EM INGLÊS: WORD FAMILY STORIES: THE CASE OF LARANJA AND CIDRA

Alina Villalva

Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras e Centro de Linguística

RESUMO

Laranja é um caso na história do léxico do Português por razões várias, nomeadamente conceptuais, etimológicas, semânticas e gramaticais. As razões conceptuais estão relacionadas com a dificuldade em saber exatamente se o nome que é dado ao fruto corresponde sempre ao mesmo fruto e se o fruto a que se dá o nome de *laranja* teve sempre esse nome, ou se outros nomes lhe estiveram ou estão ainda atribuídos. As razões etimológicas ligam-se à ausência de um elo na cadeia que liga o étimo remoto (Sânscrito *nāraṅgáḥ*) à forma *laranja*, mesmo admitindo que a forma Árabe *nārānyā* assumiu um papel veicular. Quanto às razões semânticas, importa compreender o processo de polissemia que fixa *laranja* como nome de um projétil usado sobretudo em brincadeiras de Carnaval e como termo de cor. Acresce, por último, a necessidade de considerar a complexidade gramatical de *laranja*, que pode ser um nome feminino, um nome masculino ou um adjetivo, sem nunca mudar de forma.

A resolução deste caso implica uma investigação em várias frentes, nomeadamente históricas, factuais e linguísticas, e sincrónicas, mas neste trabalho, dados os limites físicos, ficarão de fora os últimos cem anos. Esta investigação diz respeito à forma *laranja* e aos seus derivados (especialmente *laranjeira*, *laranjal* e *laranjada*), mas também a *cidra* e derivados (como *cidrão*, *cidrada*, *cidreira* e *cidral*), porque as duas se entrecruzam inevitavelmente. No final, espera-se chegar a uma narrativa coerente que conte a história destas famílias de palavras.

ABSTRACT

Laranja (‘orange’) is a special case in the history of the Portuguese lexicon for several conceptual, etymological, semantic, and grammatical reasons. The conceptual reasons are related to the difficulty in knowing if the name given to the fruit always corresponds to the same fruit and if the given fruit always had that name, or if other names were or are still given to it. The etymological reasons are related to the absence of a link in the chain that connects the remote etymon (Sanskrit *nāraṅgáḥ*) to the *laranja* form, even if the Arab form *nārānyā* has assumed a vehicular role. As for semantic reasons, it is important to understand the process of polysemy that fixes *laranja* as the name of a projectile used mainly in Carnival games and as a colour term. Finally, the need to consider the grammatical complexity of *laranja*, which can be a female noun, a male noun, or an adjective, without ever changing its form.

The resolution of this case involves research on several fronts, namely historical, factual, linguistic, and synchronic, but in this work, given the physical limits, the last hundred years will be left out. This research concerns the form of *laranja* and its derivatives (especially *laranjeira*, *laranjal* and *laranjada*), but also *cidra* and derivatives (such as *cidrão*, *cidrada*, *cidreira* e *cidral*), as the two inevitably intersect. In the end, the objective is to unravel a coherent narrative that tells the story of these families of words.

PALAVRAS CHAVE: LARANJA, CIDRA, FAMÍLIA DE PALAVRAS, HISTÓRIAS DE PALAVRAS, ETIMOLOGIA, MORFOLOGIA

KEYWORDS: LARANJA, CIDRA, WORD FAMILY, WORD STORY, ETYMOLOGY, MORPHOLOGY

O conhecimento do léxico de uma língua pode constituir-se como um objeto próprio e isolado, mas também pode ser articulado com o conhecimento de outros domínios da análise linguística e com outros domínios do conhecimento, sobretudo de natureza histórica. A história do léxico é também a história das palavras, que pode beneficiar de uma abordagem centrada na observação de todas as palavras que partilham um mesmo radical, ou seja, na observação da história das famílias das palavras.

O estudo da história das palavras cruza-se com a etimologia. Adolfo Coelho (1890) afirma que “a maior parte das palavras da lingua portugueza tem etimologia fácil de determinar [...] a outra parte, que é a menor, offerece difficuldades, mais ou menos consideráveis e em parte até talvez invencíveis”. E continua, argumentando que “a falta d’um dictionario histórico da língua, onde cada palavra apareça com as suas antigas formas e significações, se ella remonta aos tempos antigos da língua, ou que permita determinar com probabilidade a data moderna d’introdução das que não estão naquele caso, essa falta é o maior obstaculo que encontra o etymologo portuguez”. Os últimos cento e trinta anos terão introduzido alguns melhoramentos, uns poucos dicionários etimológicos e algumas investigações mais aprofundadas, mas o quadro geral não se alterou muito. A etimologia portuguesa serve-se da etimologia de outras línguas românicas e descursa, no geral, o que diferencia o Português.

A propósito da resolução destes casos etimológicos problemáticos, Coelho (1890) ainda refere que “a etymologia é uma sciencia ou antes ramo da sciencia histórica: quando faltam os elementos históricos sucessivos não pode pois muitas vezes chegar a mais do que conjecturas.” Eram estes os ventos que sopravam no tempo de Adolfo Coelho. Grimm (1848), no quadro da *Wörter und Sachen*, tinha defendido que a etimologia deve ser investigada em paralelo com a arqueologia e a história dos artefactos e dos conceitos. Mas este quadro de referência, seguido de perto por Meringer (1904) e Schuchardt (1912), no início do século 20, e que encontra algum eco no trabalho de Meillet e Ernout (1932) e também no de Chantraine (1968), nunca ganhou uma dimensão particularmente relevante na linguística portuguesa, pese embora o facto de boa parte da dialetologia (portuguesa e brasileira) se ter ocupado de palavras e da sua distribuição territorial.

A resolução desta lacuna não é fácil. Se, por um lado, se verifica uma crescente ‘democratização’ no acesso a fontes históricas, disponíveis para consulta à distância, por outro, falta prestígio a uma disciplina que exige trabalho lento e minucioso e de âmbito particular, já que cada palavra é um caso. Por esta razão, a delimitação do objeto de estudo serve dois propósitos: rigor e exequibilidade. O modelo *Roots* e a sua expansão multilingue (cf. Villalva 2019) estabelece um quadro de análise que permite focar a atenção no radical, considerando as formas derivadas, modificadas ou compostas acessoriamente, e apenas quando estão atestadas em *corpora*. Este modelo procura identificar ocorrências contextualizadas que mostrem as possíveis aceções das palavras simples que contêm o radical, e definir limites temporais (*a quo* e *ad quem*), no léxico do Português. Deste modo, procura-se documentar a história de uma família de palavras, registando apenas os dados fundamentais, que permitem estabelecer ligações e construir hipóteses. A investigação dos casos de *laranja* e *cidra* põe em prática essa metodologia. Nas secções seguintes apresentar-se-á um breve quadro histórico que visa fixar os momentos, os agentes e os lugares cruciais nestas histórias. Em seguida, dar-se-á conta dos dados textuais e lexicográficos relativos a *laranja*, aos derivados de *laranja*, a *cidra* e aos derivados de *cidra*. Por último, procurar-se-á unir os pontos relativos à vida destas palavras no Português.

BREVE QUADRO HISTÓRICO

Mabberley (2004: 483), um botânico autor de vários estudos sobre laranjas, afirma que “the names of both citrus and orange are surrounded by a series of confusions, false etymologies and perhaps puns”. Por esta razão, vale a pena tentar encontrar alguns dados concretos e fiáveis. Segundo Reuther et al. (1992: 167), as espécies cítricas têm origem nas regiões tropicais e subtropicais da Ásia e da Malásia, tendo chegado à Europa por intermédio das migrações Árabes. Dugo & Di Giacomo (2002: 8-9) referem que, a partir do século 9, a presença árabe nos territórios da Europa meridional, no sul de Itália, sobretudo na Sicília, no sul de Espanha e no sul de Portugal, deu a conhecer diversas plantas e técnicas agrícolas.

Ramón-Laca (2008: 250) afirma que a *laranja amarga* não é referida por Dioscórides nem por Galeno porque só chegou à bacia do Mediterrâneo por volta do século 10, tendo sido levada da Índia para Oman (cerca de 912), passado depois para o Iraque e para a Síria, e em seguida para a Palestina e o Egipto. Segundo este mesmo autor (cf. Ramón-Laca 2003: 507), a primeira referência a *laranja amarga* no al-Andaluz ocorre numa adenda ao tratado de Dioscórides feita em Córdoba, entre 982 e 984. E os primeiros registos de nomes destes frutos nas línguas românicas são *naracharia*, no Português, em 1262 (que, segundo Viterbo, significa *laranjal*); *aranja* (1268) e *toronja* (1270), em Catalão. Ferrão (1992) refere também que, nesse mesmo período, os Árabes disseminaram a *laranjeira* pela costa ocidental africana.

Segundo Ferrão (1992), as *laranjas* trazidas pelos Árabes não eram necessariamente amargas – a doçura das *laranjas* depende do lugar onde são cultivadas, beneficiando com climas mais amenas e dos melhoramentos no cultivo. No entanto, a disseminação das *laranjas doces* em Portugal é geralmente atribuída às viagens dos marinheiros portugueses para o sul China, no século 15, que possibilitaram a sua chegada à Europa e também às ilhas atlânticas (sobretudo Açores e S. Tomé) e ao Brasil, a partir do início do século 16.

Apesar de ser plausível que este tenha sido o percurso percorrido até à chegada e disseminação das *laranjas* na Europa, há uma questão suplementar que é necessário ter em conta e que diz respeito à identificação das variedades desse fruto. Estabelece-se, com frequência, uma distinção entre ‘laranja amarga’ e ‘laranja doce’, mas os botânicos advertem para a existência de um grande número de géneros e de cultivares resultantes de processos de hibridização e de vários problemas de denominação desses tipos de citrinos.

Vejam os dados linguísticos podem contribuir para o esclarecimento (de algumas) destas questões.

FONTES LINGUÍSTICAS HISTÓRICAS – LARANJA E DERIVADOS

Laranja, laranjeira, laranjal e laranjada são as formas mais precocemente atestadas no léxico do Português. Vejam os dados provenientes de fontes textuais históricas, como o *Corpus do Português* (CdP), ou documentos avulsos referenciados sobretudo em dicionários etimológicos, como Machado (1952-1959), Cunha (1994) e Corominas e Pascual (1981). E, em seguida, consultaremos as fontes lexicográficas patrimoniais, nomeadamente Cardoso (1569-1570), Barbosa (1611), Pereira (1697a) e (1697b) e Bluteau (1712-1728), Franco (1716), Folqman (1755), Morais (1813), Vieira (1871-1874), Aulete (1881), Coelho (1890) e Figueiredo (1913).

Fontes textuais - *laranja*

A primeira atestação de *laranja* é assinalada por Ramon Lorenzo (1968: 220), com base numa antologia de documentos medievais publicada em Marques (1944). Trata-se de um documento datado de 1377, onde surge uma enumeração de frutos (cf. 1), um das quais é *laranja*:

- (1) Romãas e **laranjas** e limões e çidras

A pesquisa no CdP mostra uma atestação um pouco mais tardia (século 15), num contexto que não é inteiramente esclarecedor. Parece tratar-se de um fruto, mas usado como projétil e, portanto, presumivelmente sem valor alimentar (cf. 2).

- (2) Hûus lançauom pedras, outros **laranjas**, e outros cospiom contra ele (*Crónica de D. Fernando*, 1431-43)

A segunda atestação no CdP vai em sentido diferente do anterior, retomando a primeira aceção. Refere uma oferta do Rei de Mombaça a Vasco da Gama, durante a viagem inaugural para a Índia, por mar (cf. 3). A oferta das *laranjas* surge numa sequência que inclui cidrões, canas de açúcar e um carneiro, presumindo-se que esta seria uma oferta apreciada:

- (3) Ao domjnguo de rramos mandou o Rey de Mõbaça ao capitam moor hû carneiro e mujtas **laranjas** e cidrões e canas daçucar (*Diário da viagem de Vasco da Gama*, 1498)

As duas ocorrências seguintes, ambas quinhentistas, referem, como no caso anterior, a existência de *laranjas* em paragens distantes do território português. A primeira diz respeito à ilha de S. Tomé e refere que as *laranjeiras* aí existentes foram levadas de Portugal e produzem *laranjas* de grande dimensão. A chegada dos portugueses a S. Tomé ocorreu em 1470 e o território, até então desabitado, tornou-se um importante centro de produção agrícola. As *laranjeiras* terão sido uma das espécies introduzidas com bons resultados. É possível que as *laranjeiras* fizessem parte habitual do acervo das plantas levadas pelos navegadores e colonizadores portugueses, nos séculos 15 e 16, tendo assumido um papel importante na economia açoriana e brasileira, pelo menos.

- (4) Larangeyras ha muytas e as trouuerom de Portugal e dam fruto **laranja** tam grande como grande çydra de Portugal (*Códice Valentim Fernandes*, 1506-1510)

A outra ocorrência diz respeito à China, sendo referidas as variedades locais de *laranjas* doces. Esta referência é importante porque as *laranjeiras* da China trazidas para Portugal conhecerão grande sucesso em Portugal e noutras geografias. A referência a três *generos de larãjas* mostra a dificuldade de identificação botânica. As primeiras, de *casca muito delgada, que quase sabem a uvas* são descritas como as *milhores*. Talvez fossem estas as que tiveram maior sucesso na Europa. As segundas, de *casca grossa e crespa* comestível, são apresentadas como *mui sabrosas*¹. A terceira variedade, de *casca em meo, nem grossa nem delgada*, não são apreciadas por serem demasiado *docicadas*.

- (5) Ha muitas e muito boas **laranjas**, ha tres generos de **larãjas** doces a quaes milhores, hûas que tem ha casca muito delgada, que quasi sabem a uvas, outras que tem ha casca grossa e crespa tamalaves bicaes mui sabrosas, que lhe comem casca e tudo: outras maiores que as demais que tem ha casca em meo, nem muito grossa nẽ muito delgada: estas sam somenos por serem muito docicadas (*Enformação das cousas da China*, 1520)

¹ Talvez este género de *laranjas* seja aquele que recentemente se encontra com o nome de *kumquat*, mas este tipo não terá tido sucesso no século 16.

O valor semântico de nome de fruto perdurará até ao presente, pelo que a sua atestação posterior é dispensável, mas convém identificar os momentos em que os outros sentidos começaram a manifestar-se. No CdP, o valor de nome de cor surge documentado apenas no século 19 e integrado na expressão *cor de laranja* (cf. 6). Como o número total de ocorrências de *laranja* neste *corpus* não é alto (474), e a maior parte (374) provem de documentos do século 20, é possível que haja ocorrências anteriores, mas é necessário buscá-las noutras fontes, nomeadamente lexicográficas.

(6) túnica cinzenta com caracteres bordados em seda cor de **laranja**

Fontes lexicográficas - *laranja*

O confronto entre os dados históricos e os dados linguísticos textuais revela uma desconfortável inconsistência, pela inexistência de atestações de *laranja* anteriores ao século 14. A hipótese de que as *laranjas* tenham tido outro nome antes de se chamarem *laranjas* ganha plausibilidade com a consulta dos respetivos verbetes nos dicionários patrimoniais. *Laranja* está listada em todos os dicionários. Todos oferecem glosas latinas, e não traduções, dado que, sendo provavelmente desconhecidas nos tempos da Roma Antiga, as *laranjas* não podem ter tido nome no Latim clássico.

Cardoso (1569-1570) usa o genérico *malum*, ‘fruto carnudo com caroço’², e o adjetivo *medicum*, que estará relacionado com a proveniência geográfica das laranjas da região Média³, e usa também a forma *arantia*, que não tem outras atestações conhecidas. Esta forma parece ser uma latinização da forma italiana *arancia*, mas nenhuma outra informação está disponível neste dicionário (cf. 7).

(7) **Laranja.** Malum medicum. Arantia
Malum medicum / medicum malum. A **laranja**

Barbosa (1611) apresenta um verbete (cf. 8) muito semelhante ao anterior, mas acrescenta a *malum medicum*, citando o botânico italiano Mattioli (1501-1577), uma outra glosa (*mala aurantia*). A hipótese da forma italiana *arancia* ter origem no nome latino *aurum*, pela metáfora cromática sobreviverá durante séculos e contaminará de algum modo a interpretação da palavra⁴. Em Barbosa (1611), a menção à Síria é substituída pela referência próxima à *media regione*, sendo explicitada a relação do adjetivo *medica* (*dicta est medica a Media regione*) com essa proveniência.

(8) **Laranja.** Malum Medicum. Vel, mala aurantia, Mathiolus in lib. 1. Dioscor. c. 131.

No *Thesouro*, Pereira (1697a) mantém as glosas anteriores (*malum medicum*, *malum aureum*), e torna a ligação metafórica ao ouro mais explícita.

² Segundo Lewis & Short (1879), *mālum* é “an apple, i. e. any tree-fruit fleshy on the outside, and having a kernel within (opp. nux); hence, applied also to quinces, pomegranates, peaches, oranges, lemons, etc.” Cf. <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/morph?l=m%C4%81lum&la=la&can=m%C4%81lum0>

No Português, *malum* participa na formação de outros nomes de frutos, como *melão*. O nome *pomum*, que também se encontra em algumas glosas, é também um genérico que significa ‘fruto’ e um hiperónimo de *malum*.

³ Esta região, onde atualmente se situam, entre outros países, a Síria e o Irão, guarda memória dessa designação no nome Médio Oriente.

⁴ Pianigiani (1907) relaciona *arancio* com formas do Latim Vulgar *arangia* e *aurantia*, sendo esta última relacionada com *aurum* por etimologia popular.

(9) **Laranja.** Malum medicum. Malum aureum

Na *Prosodia*, Pereira (1697b) apresenta uma longa série de glosas alatinadas. As formas *malum aureum* e *malum aurantium* são dadas como equivalentes. A *arantia* de Cardoso (1569-1570) surge aqui na forma *arantiums*, caracterizada como *verbum novum*, e estão ainda listadas duas outras formas provavelmente aparentadas: *auratium* e *anatarantium*. Não é clara a razão pela qual Pereira integra esta última, dado que declara nunca ter encontrado essa palavra, mas a variação de formas sugere uma busca da melhor hipótese de fixação de uma glosa latina para uma espécie que não tem um nome consagrado em Latim, dado que não existia nos tempos da Roma antiga.

Uma segunda linha de variação, em Pereira (1697b), é a que assenta na modificação de *malum*. Começa, como já foi referido, com *aureum/aurantium*, mas desenvolve-se com o já conhecido locativo *medicum*⁵, e duas novidades, que são *assyrium* e *hesperidum*. A referência ao Jardim das Hespérides, talvez por influência de Ferrari (1646), endossa a atribuição dessa origem mitológica às *laranjass*.

Uma outra inovação de Pereira (1697b) surge no verbete *malum hesperidum*, ao acrescentar *citream* à lista das glosas latinas e ao apresentar *cidra*, *limam* e *laranja* como glosas portuguesas. *Citream* já aparecera em dicionários anteriores, mas nunca associado a *laranja* - a associação habitual é com *cidra*⁶. Esta inovação a torna mais evidente a aproximação entre estes dois frutos, senda a associação reforçada na entrada *medicum malum*, que antes remetia apenas para *laranja*, mas aqui surge igualmente associado a *cidra*. Também ligada a *laranja* e a *cidra* está a forma latina *cedromelon*, que surge precedida por um asterisco que assinala formas latinas não atestadas em autores clássicos, mas é curiosa pela ocorrência da forma *cedro* (sendo *melon* a forma que ocorre em *melão* ou em *marmelo*). Pereira (1697b) lista ainda *laranja* como equivalente de aparentes tentativas de latinização da forma Sânscrita (cf. **narantrium*, **nerantzium*), que ocorrem noutras fontes, nomeadamente no *Cruydeboek* do médico e botanista flamengo Rembert Dodoens (1517-1585), publicado em 1554 e traduzido para francês (cf. Figura 1) e para inglês (cf. Figura 2).

(10) Malum (Aurantium) aureum. A **laranja**.

Auratium, ii, n. g. A **laranja**.

Arantium, ii, n. g. A **laranja**. Verbum novum.

Anatarantium, ii, n. g. A **laranja**. Non inveni.

Malum Hesperidum. Assyrium. Medicum. Citream. A cidra, o limam, a **laranja**.

Medicum malum. A cidra, ou **laranja**, &c.

*Narantrium, ii, n.g. A **laranja**

⁵ A questão do género/classe temática dos nomes de frutos e das árvores de fruto não se resolve em poucas palavras. Vejam-se os exemplos de *castanha* (o fruto) e *castanho* (a madeira); ou *castanheiro* e *castanheira* (ambos nome da árvore); ou *pero* e *pera* (distintos frutos); e *melão* e *melo* (distintos frutos), mas apenas *meloeiro* para referir a planta. Esta variação poderá ter sido herdada do Latim (e.g. *figus* ‘a fig-tree’ e ‘the fruit of the fig-tree, a fig’; *ōlīva* ‘an olive’ e ‘an olive-tree’; *pōmum* ‘fruit of any kind’ e *pōmus* ‘a fruit-tree of any kind’, dados de Lewis & Short (1879) e depois transposta para as glosas alatinadas.

⁶ A glosa latina com *malum* deixará vestígios na forma que muitas línguas usaram para fixar nomes para *laranja* (cf. Alemão *Apfelsine*; Dinamarquês *appelsin*; Islandês *appelsínugult*; Sueco *apelsin*; Ucrainiano *апелсин* (apel’syn)). O mesmo sucedeu com *pomum* (cf. Polaco *pomarańczowy*).

⁷ Pereira (1697a) esclarece que Media é a “regiam dos Medos em Asia”.

⁸ Ainda que o fruto do Jardim das Hespérides não seja inquestionavelmente a laranja, esta associação perdurou pela mão de Lineu que classificou uma ordem com esse nome, sendo os citrinos um dos seus géneros. Essa classificação botânica foi, entretanto, abandonada.

⁹ Cf. *Malum citream. a cidra*, em Cardoso (1569-1570), e *Cidra. Malum citream*, em Barbosa (1611).

*Nerantzium, ii, n.g. A **laranja**.

*Cedromelon, i, n.g. A **laranja**, ou cidra

LES NOMS.
L'Arbre qui porte ces fruitz est appellé en Grec *μάλια μεδικὰ*: en Latin *Malus medica*, & *Malus citria*.
Les fruitz sont appelez par les anciens tout d'un nom en Grec *μάλια μεδικὰ*: & en Latin *Mala citria*.
La premiere espece est aussi appelée des Anciens en Grec *χρυσομήλον*: en Latin *Aureum malum* & *Malum Hespericum*, d'aucuns aussi *Nerantzium*, des Modernes *Malum Anarantium*, & *Arantium*: en François *Pomme d'Orange*: en haut Aleman *Pomerantzen*: en bas Aleman *Arangie* appellent: en Espagnol *Naranzas*, lequel nom semble estre tiré de ce vocable *Narantzium*, duquel ces Pommés ont esté appellés par cy devant tesmoigne Nicander.

Figura 1 – trad. francesa de Dodoens (1554): Charles de l'Écluse, *Histoire des Plantes*, 1557

The Names.
The tree that beareth these fruites, is called in Greeke *μάλια μεδικὰ*: in Latine, *Malus medica*, and *Malus citria*. And albeit the Citron and eche of the other are severall trees one from another, as it is plainly to be seene in Bartholius Commentaries upon Diosc. li. i. where also it is to be noted in the Citron tree, that his leafe is finely snipt about y edges or toothed lyke a saw, but the Limô and Orange trees, whose leaues be euer greene lyke the Bay tree, are not indented, but smothe about the edges, so that at the first sight Citron, Orange and Limon trees, do shew lyke Bay trees, but the pleasant savour and smell of the leaues, be farre vnylyke the smell of the Bay leaues: these three trees, I say, be of the Auncientes, all contayned vnder the Citron tree.
The fruites also be all called of the Auncientes by one Greeke name *μάλια μεδικὰ*: in Latine, *Mala citria*.
The first kinde is also called of the Auncientes in Greeke *χρυσομήλον*: in Latine, *Aureū malum*, & *Malum Hespericum*, of some also *Nerantzium*, of the later writers *Anarantium*, and *Arantium*: in Englishe, an *Orange*: in French, *Pomme d'Orange* in high Douche, *Pomerantzen*: in base Aimaigne, *Arangie* appelen: in Spanish, *Naranzas*, the whiche name seemeth to be taken from the worde, *Narantzium*, by the which the Apples were once called, as witnesseth Nicander.
The seconde kinde is called *Cedromelon*, and in this Countrie *Citrones*, & *Mala citria*: in French, *Citrons*: in Englishe, *Citrons*: in high Douche, *Citrinaten*: in base Aimaigne, *Citroenen*. This kind is called of the Italians, as *Mala witeth*, *Limones*.

Figura 2 – trad. inglesa de Dodoens (1554): Henry Lyte, *A Nievve Herbal, Or Historie of Plantes*, 1578

No *Vocabulario*, Bluteau (1712-1728) dedica um extenso verbete a *laranja* (cf. 11). Começa por referir tratar-se de um “fruto conhecido”, para depois hesitar entre duas glosas latinas (*malum aureum* ou *aurea mala* e *malum citreum orbiculatum*). Em seguida, Bluteau convoca Ferrari (1646) e termina com a transcrição de uma longa discussão terminológica em Latim, abstando-se de tomar qualquer partido ou sequer apresentar qualquer comentário.

- (11) **laranja**. Frutum conhecido. Alguns lhe chamaõ Malum aureum. Virgilio diz, Aurea mala. Outros dizem Malum citreum orbiculatum. Sobre os nomes Latinos, ou alatinados, que os Autores dão à laranja, diz o P. Ferrari nas suas Hesperides, liv. 1. pag. 43. Inter acida postremum poma sagacissimi conjectores, recentiore nomine appellant, vel Arantium ab Arantia, pomorum feracissimo Achaiae oppido; quo mala Hesperidum primum Hercules tulisse credebatur, vel Aranium, quasi Ararium, id est, Persicum: est enim Aroa, ut ait Hellanicus, allique, Perfidis regio, vel certe Rantium, tamquam Raedum, hoc est, aeris colore fulvum. Vel Neratio inventore Neratium, vel eum veteri Nicondri Scholiaste Ncrantzion, vel (quod etiam Hermulao placet) Narantium à Narantia, quae Ptolomei videtur esse naranga, ex qua idem cum Pausania existimat ab Hercule id ponu fuisse in Graeciam asportatum. Vel demum quia, ut modo diximus, relucet auri colore, aurengium, malum aurantium, unaque expuncta littera Arantium, & aureum malum, quod veteres Hespericum etiam vocavere sed nondum potuit malum aurantium auri quod nomine praefert luce, suos satis demonstrare natales.

Noutros lugares do *Vocabulario* ocorrem referências distintas a *laranja*. Na entrada de uma pedra (*cornalina*), Bluteau (1712-1728) refere a sua *cór de laranja* (cf. 12). Nesse momento, a referência cromática ainda exigia a explicitação da metáfora através da construção *cor de X*, que ocorre também em *cor de açafraõ*, *cor de agoa*, *cor de alabastro*, *cor de canella*, *cor de cereija* ou *cor de sangue*, entre outros.

- (12) cornelína, ou corneirina. Pedra preciosa, de transparencia espessa, como lavajens de carne, porem algumas vezes de **cór de laranja**

Encontram-se, ainda, duas outras ocorrências, a propósito de preparações que envolvem laranjas. Ambas referem a *laranja da China* (cf. 13) como uma referência familiar pela sua doçura e dimensão, e trazem as *flores de laranja* ou *laranjeira* para primeiro plano:

- (13) floráda. Flores de **laranja**, confeitadas. Aurei mali flores, saccharo conditi. { Com a flor de laranja doce, ou da China a mayor, & melhor se faz a Florada. Arte da Cozinha, pag. 149. }

Uva bastarda. Vid. Bastardo. Pélas de uvas bastardas passadas. Fazem-se do tamanho de húa **laranja** da China de húa massa das ditas uvas, limpas do engaçõ, pizadas, misturadas com nozes moscadas moidas, cravo da India, canela, flor de laranjeira, seca, & esfregada entre as mãos, tudo amassado em hum alguidar, & molhado em hum pequeno de mosto, para abrandar; deita-se húa péla destas em cada vasilha, faz os vinhos muito macios, & cheirosos.

Folqman (1755) adota apenas a glosa *malum aureum* e retoma a referência à China, opondo esse tipo de laranja ao da *laranja azeda* (cf. 14).

- (14) **LARANJA**, f. Malum aureum. § Laranja da china, Malum aureum sinense. § Laranja azeda, Malum aureum acidum.

No dicionário de Morais (1813), a definição de *laranja* não disponibiliza glosas latinas, mas oferece um esboço de descrição botânica e uma enumeração de tipos, como as *tangerinas*, agora com a remissão para o norte de África (cf. 15). Mantém uma referência à China, referindo que essas laranjas são doces e distintas de outros tipos, e introduz uma referência ao Brasil (Rio de Janeiro).

- (15) **laranja**. Fruta d'arvore de espinho com casca de côr amarella, e gomos dentro: há laranjas doces, ou da China; azedas; Tangerinas, com embigo em baixo; selectas, ou sem caroço, mui doces: a Tangerina doce no Rio de Janeiro é diversa d'outras Colonias, e de sabor mui delicado.

A definição de Vieira (1871-1874) é bastante diferente das anteriores. Presta grande atenção à morfologia das laranjas, às suas espécies e até ao seu valor comercial, nomeadamente nos Açores e, separadamente, em Portugal (cf. 16). Retoma a glosa latina que facilita a metáfora da cor do ouro, e inova na substituição de *malum* por *pomum*.

- (16) **laranja**. (*Pomum aurantii*, derivado de *aurum*, pela analogia da sua côr com a do ouro). O fruto da laranjeira. É uma baga carnosa, de forma esférica, dividindo-se interiormente em dez septos (vulgarmente gomos), cheios d'uma polpa sumarenta, e podendo separar-se sem se destruir a membrana ou pellicula que os envolve; exteriormente é coberta d'uma casca luzidia, primeiro de côr verde, e depois de uma bella côr amarella d'ouro no estado de sua maturação; esta casca é formada de duas camadas, uma exterior, fina, corada, mui abundante em glândulas que contém um óleo volátil e inflammavel; a outra interior, espessa, branca, contendo uma substancia particular, a que se deu o nome de *hesperidina* (de *hesperidium*).

- As laranjas são o objecto d'um commercio considerável no meio dia da Europa; as melhores são as das ilhas dos Açores, de Malta, de Portugal, do Reino de Napoles, da Sicilia e das ilhas Baleares
- Ha diferentes espécies de laranjas, como: a laranja *doce*, ou *da China*; laranja *azedada*; laranjas *tangerinas*; laranjas *selectas*, etc.

No dicionário de Aulete (1881), a definição de *laranja* também acolhe uma descrição botânica (cf. 17), que inclui uma glosa latina e uma nova versão do étimo Sânscrito (cf. *nagaranga*¹⁰). O esboço tipológico não faz referência às laranjas da China, mas inclui dois tipos brasileiros (*laranja da terra* e *laranja toranja*). É também interessante a referência à enxertia da *laranjeira* para obter uma variedade doce.

- (17) **laranja.** fructo da laranjeira, baga esférica dividida em vários septos ou gommos, e cuja casca é de um amarello doirado no estado de maturação || Laranja selecta, fructo de laranjeira doce obtido por enxertia. || Laranja da terra (bot. braz.), o mesmo que laranja azeda. || Laranja toranja (bot. brazil.), planta da família das auranciáceas (citrus decumana). [...] F. sanskr. Nagaranga.

O *Manual Etymologico* de Adolfo Coelho (1890) apresenta entradas sucintas, mas com algumas novidades. No caso de *laranja* (*fructo da laranjeira*), refere que prov^oem do Árabe *narandj* e não apresenta glosas latinas. Figueiredo (1913) traz pouca novidade: *laranja* continua a ser apenas um fruto, sendo relevante referir que, no verbete China, Figueiredo inclui “*laranja da china*, variedade apreciada de laranjas” e “*pomar da china*, pomar que produz aquela variedade de laranja”, proveniente “Do ár. *naranj*”.

Fontes textuais – derivados de *laranja*

No CdP há registo de três derivados de *laranja*: *laranjeira*, *laranjal* e *laranjada*. Embora Leite de Vasconcelos¹¹ refira a existência de um topónimo *Laranjeira* nas *Inquisições* de 1258, o que pode indiciar uma anterioridade significativa de *laranja* relativamente aos dados conhecidos, a ocorrência mais antiga no CdP é do século seguinte, apresentando um valor semântico (árvore que dá laranjas) que se manteve estável até ao presente. O significado de *laranjal* (local onde há laranjas) também está ainda disponível (cf. 18):

- (18) as arvores que som agras, assy como romeeiras e **larangeiras** (*Crónica Geral de Espanha*, 1344)
chama ho paaço com seus pumares e **laranjal** (*Foraes*, s. 15)

O caso de *laranjada* é mais complexo. Em textos quinhentistas encontram-se duas aceções distintas: o nome de um jogo (cf. 19a), lembrando a aceção de *laranja* documentada no século anterior (cf. 2) e um adjetivo de cor (cf. 19b), que convive com uma forma próxima, mas parassintética (cf. 19c):

¹⁰ No *Cologne Digital Sanskrit Dictionaries: Monier-Williams Sanskrit-English Dictionary* (consultado em www.wisdomlib.org) surge a seguinte informação sobre *nāgarāṅga* (नागरङ्ग). — m:

(-ṅgaḥ) The orange; in India usually applied to the Sylhet orange, (Citrus aurantium.) E. *nāga* an elephant, *raṅga* to be sick, affix *ghañ*; on which elephants feed till they become ill; or *nāga* red lead, and *raṅga* colour, of the colour of red lead. (*nārāṅgī nevu.*)

¹¹ Esta informação pode ser encontrada no *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos*, consultável em beta.clul.ul.pt/teitok/dra/index.php?match=starts&query=1&action=xdef&start=100.

- (19) a. para fazerem festa ao padre jogaram as **laranjadas** (Fernão Cardim, *Carta de relação da viagem e missão a Província do Brasil*, 1590)
- b. hû manteo brãco cõ barras de veludo azul, lauradas de trochados de seda **larãjada** (Gonçalo Fernandes Trancoso, *Contos & histórias de proveito & exemplo*, 1575)
- c. ûa capa lombarda de cetim **alaranjado** (João de Barros (1553) *Décadas da Ásia. Década Segunda*)

São muito escassas as ocorrências destas formas neste *corpus*¹², mas ainda assim, no século 19, regista-se uma atestação de *laranjada* com o valor de sumo de laranja, e de *alaranjado* como um nome de cor.

- (20) como era proibido o vinho, fazia servir com profusão **laranjada** e limonada (*Memórias do Marquês da Fronteira e Alorna*, 1854)
feito de suas penas dorsais a contrastarem negras com o **alaranjado** soberbo da gorja (Júlio Ribeiro, *A Carne*, s. 19)

Fontes lexicográficas – derivados de *laranja*

As fontes lexicográficas são um pouco mais informativas¹³. Em Cardoso (1569-1570), *laranjeira* é associada a *malus medica* e fica identificada como nome da árvore. A glosa *malus syria*, equivalente à anterior, parece confirmar a sua convicção quanto à proveniência geográfica desta espécie (cf. 21a). Barbosa (1611) confirma *larangeyra* como nome de uma árvore proveniente da região Média (cf. 21b) e Pereira (1697b) associa *medica malus a cidreira*, e *laranjeira* (cf. 21c).

- (21) a. **Laranjeira.** Malus medica.
Malus medica/Medica arbor. a **laranieyra.**
Malus syria. siue malus medica. A **laranjeyra.**
- b. **Larangeyra.** Malus Medica. Arbor Medica. [...] Dicta est Medica a Media regione.
- c. Medica malus. Cidreira (a **larangeira**)

Em Bluteau (1712-1728), a glosa latina anterior é substituída por três outras: *malus aurea*, *malus aurantia* e *malus Atlantea*, que é uma novidade na lexicografia portuguesa, mas frequente em dicionários franceses contemporâneos de Bluteau. As duas primeiras glosas não surpreendem, mas Bluteau redige uma nota sobre a novidade de *aurantia* e um comentário revelador da dificuldade em encontrar um nome latino para esta árvore (cf. *não se sabe bem o nome*).

¹² Duas outras mutações semânticas, ocorridas em Portugal (apodo de um partido político fundado em 1974, dada a cor dos seus símbolos) e no Brasil (designação de um tipo de criminoso), não estão atestadas no CdP.

¹³ A lista dos derivados de *laranja* nas fontes lexicográficas é mais extensa do que os casos aqui considerados. Inclui, por exemplo, *laranjeirinha* (nome de um arbusto brasileiro), *laranjeiro* (tipo de feijão) ou *laranjo* (boi), formas listadas por exemplo em Coelho (1890). Estes casos não foram analisados porque não contribuem para a compreensão das questões centrais. Por outro lado, não foram incluídas as ocorrências das formas analisadas que não apresentam diferenças relevantes relativamente às anteriores.

- (22) **laranjeira.** Arvore conhecida. O P. Rapino lhe chama, *Malus aurea*, *Malus Atlantea*, *Malus aurantia*. Esta ultima palavra *Aurantia* he destes ultimos seculos. Muitos dão a esta arvore este nome, porque não se sabe bem o nome, que os Antigos lhe derão, & este parece mais intelligivel.

Franco (1716) dedica duas entradas a *laranjeira*, distinguindo a *laranjeira da China* da *laranjeira* sem qualquer outra caracterização, mas a glosa latina é a mesma nos dois casos.

- (23) **Laranjeira.** *Malus aurea*.
***Laranjeira** da China. *Malus aurea*

Morais (1813) define *larangèira* sucintamente, como *arvore de espinho, que dá laranjas* e Vieira (1871-1874) apresenta uma descrição muito pormenorizada. Neste caso, a glosa latina também é inovadora e parcialmente distinta da que usou em *laranja: citrus* faz uma aproximação ao nome botânico do género. Uma parte da descrição é dedicada às flores e à extração do seu óleo.

- (24) **laranjeira.** Arvore d'espino, que dá laranjas.
- A laranjeira propriamente dita (*citrus aurantium*), originaria da Asia oriental, é uma arvore elegante, de cimo arredondado grande, de ramos angulosos, com folhas oblongas, agudas, denteadas no bordo, com pecíolo levemente alado, sempre verdes. As flôres brancas, de cheiro suave, muito conhecido: calyx cupuliforme, quinquefido; corolla de cinco pétalas, muito carnosas, obtusas e quasi lineares antes do seu desabrochamento; estames numerosos, polyadelphos; estylete simples, coroado por um estigma globuloso e viscoso; disco hypogyneo, algumas vezes metamorfoseado em estame.
Todas as partes da flôr são providas d'uma grande quantidade de glândulas, que segregam um oleo volatil muito aromático, conhecido em farmácia pelo nome de *eleolato* ou *essencia de flôr de laranjeira*. É a esta essencia que no commercio se chama *oleo de neroli* (do francez). Este oleo é extrahido das pétalas, já por distillação, já por maceração. Uma gota d'esta essencia é sufficiente para aromatizar uma grande quantidade de agua.

Aulete (1881) também adota *citrus* (ou *citrum*) como pilar das suas glosas latinas, que são variadas e reveladoras de um esforço considerável de aproximação à taxonomia botânica. Surge neste verbete a primeira menção dos ramos de laranjeira como símbolo de virgindade exibido pelas noivas em primeiras núpcias, e uma outra referência a um valor conotativo relacionado com impostura e que poderá estar relacionado ao valor figurado de *laranja*, no Português Brasileiro Contemporâneo (cf. nota 12).

- (25) **Laranjeira.** (bot.) nome comum a varias arvores da família das auranciáceas, taes como: laranjeira doce (*citrus aurantium*); laranjeira azeda (*citrum vulgare*); laranjeira amarga (*citrum bigaradia*). || Laranjeira brava (bot. brazil.) arbusto da familia das rutáceas (*zanthoxilum monogynum*). || Laranjeira da China, o mesmo que laranjeira doce. || Laranjeira do matto, o mesmo que “tres folhas vermelhas”. || Coroa de laranjeira, coroa de flores e folhas de laranjeira com que as noivas adornam a cabeça quando vão casar-se em primeiras núpcias. [symboliza a virgindade]. || Eu que o conheci laranjeira ou pau de laranjeira (loc. pop.), diz-se alludindo a quem teve maus ou humildes precedentes e quer impor de bom ou de importante.

Coelho (1890) caracteriza *laranjeira* como um termo botânico, derivado de *laranja*, e definido como *nome de várias arvores da família das auranciaceas*, classificação que Figueiredo (1913) também acolhe, atribuindo-a a Lineu (*citrus aurantium*).

O derivado *laranjal* não tem muita matéria a discutir, sendo invariavelmente definido como um *lugar onde há laranjas*. No que diz respeito às glosas latinas, Cardoso (1569-1570), em (26a), Barbosa (1611), em (26b), e Pereira (1697a), em (26c), dão preferência à forma que estabelece relação com a região Media, enquanto Bluteau (1712-1728), em (26d), dá preferência a *malis aureis*. E, por último, Morais (1813) adequa a definição, usando o nome da árvore e não o nome do fruto (cf. 26e):

- (26) a. medicetum(i)
- b. locus malis Medicis consitus.
- c. locus malis medicis cōsitus.
- d. pomar de laranjas. Locus malis aureis consitus.
- e. pomar de laranjeiras

Laranjada é o derivado mais interessante. Cardoso (1569-1570) *apresenta uma glosa latina que identifica* uma preparação feita com *laranja*¹⁴ (cf. 27a), mas em Barbosa (1611) *laranjada* aparece na forma adjetival, associada a uma cor (cf. 27b):

- (27) a. **Laranjada.** Medicatus(us).
- b. **Cor laranjada.** Luteus color.

Em Pereira (1697a), *laranjada* tem duas entradas para registrar duas aceções: uma relacionada com um golpe desferido por *laranjas*¹⁵ e outro que refere uma preparação culinária (explicitamente apresentada como *conserva de laranjas*)¹⁶:

- (28) a. **Laranjada.** Mali medici ictus
- b. **Laranjada,** id est, conserva de laranjas. Mala Medica saccharo cocta

Bluteau (1712-1728) só regista uma das aceções anteriormente identificada (preparação culinária), mas surge aqui, embora não como lema, um outro derivado de *laranja* (o parassintético *alaranjada*), que refere uma cor.

- (29) **Laranjada.** O golpe dado com laranja. Mali aurei ictus
a corda [...] que deu a esta ave todos os dítos nomes, não he vermelha, mas **alaranjada**.

Em Franco (1716), *laranjada* surge novamente associada a um doce e esta é a última ocorrência dessa aceção no conjunto de dicionários aqui considerados:

- (30) **laranjada.** Aureum malum saccharo conditum.

Em Morais (1813), *laranjada* remete apenas para o valor semântico de projétil, embora, neste dicionário, esse valor não esteja já presente em *laranja*. Os adjetivos relacionados com cor

¹⁴ É possível que se trate da preparação agora designada *água de flor de laranjeira*, usada há muitos com fins medicinais, culinários ou cosméticos.

¹⁵ Aulete (1881) refere que, no Brasil, *laranjinha* é uma *Esphera ôca de cera que se enche ordinariamente de agua aromatica para os jogos do entrudo*.

¹⁶ A expressão *cor de X* ocorre em Pereira (1697a), mas não associada a *laranja* (cf. *cor de telha*).

surgem aqui nas duas versões (*laranjado* e *alaranjado*), e com igual direito ao estatuto de verbete.

- (31) **laranjáda.** pancada com laranja atirada, de ordinário pelo entrudo.
laranjádo. de còr de laranja
alaranjádo. tirante a còr de laranja

Em Vieira (1871-1874), *laranjada*, caracterizada como derivado, refere um jogo, associado ao arremesso de *laranjas*, e uma bebida refrigerante, sendo este o primeiro registo dessa aceção.

- (32) **laranjada.** (De laranja, e o sufixo “ada”). Pancada com laranja.
- Jogar a laranjada; atirar com laranjas, divertimento muito usado entre nós por ocasião do entrudo, especialmente em algumas ideias.
- Bebida refrigerante em que entra sumo de laranja, agua e assucar. O sumo de laranja azeda é o mais próprio para a laranjada (bebida).

Aulete (1881) regista os valores de bebida refrigerante¹⁷, de arremesso de laranjas e um novo valor semântico, de nome coletivo (grande quantidade de laranjas):

- (33) **Laranjada.**bebida refrigerante composta de sumo de laranjas, assucar e agua.
|| Grande quantidade de laranjas. || Arremesso de uma laranja.

Em Coelho (1890), *laranjada* é caracterizada como um derivado de *laranja*, tal como em Vieira (1871-1874) e é definida como em Aulete (1881). Merece referência a listagem de *alaranjado* que habitualmente é uma palavra definida em paralelo a *laranjado*, mas para Coelho (1890), refere a cor e a forma da *laranja*. Figueiredo (1913) traz pouca novidade. *Laranjada* mantém a definição como bebida (*sumo de laranja*) e como nome coletivo (*grande porção de laranjas*), mas o mais interessante, neste verbete, é a referência ao *arremesso de laranja* como um jogo antigo (*dantes, no Carnaval, jogava-se a laranjada*).

A família das *laranjas*

Os dados coligidos permitem concluir que, na família de *laranja*, a ocorrência mais antiga é a de *laranjeira*, em 1258, como topónimo. *Laranja* ocorre apenas já quase no final do século 14, mas é presumível que estivesse presente pelo menos um século antes, dado que *laranjeira* é um derivado de *laranja*. É possível que, neste período inicial, dois tipos de *laranjas* estivessem disponíveis: umas, mais pequenas, imprestáveis para comer e usadas em jogos, sobretudo no Carnaval – as *laranjadas* –; outras, talvez semelhantes às *cidras*, que serviam para preparar uma água destilada a partir das flores – a *florada*; um confeito também preparado com as flores; e um doce a partir da casca – também chamado *laranjada*. As laranjeiras eram ainda apreciadas pela sombra que proporcionavam e pelo aroma das flores, o que terá motivado a sua grande popularidade na toponímia portuguesa. Com a chegada das *laranjas* doces da China, a partir do século 15, as que existiam antes passaram a ser chamadas *laranja azeda* (ou *amarga*), e a sua popularidade terá diminuído muito. E *laranjada* passará a referir apenas uma bebida resultante da pressão da polpa.

¹⁷ Aulete (1881) também menciona uma *espécie de licor de laranja e aguardente*, a que no Brasil se dá o nome de *laranjinha*.

A relação da *laranja*, fruto, com a cor é muito antiga, havendo registos lexicográficos, ainda quinhentistas, da *cor laranjada*, mais tarde *alaranjada* e só mais recentemente *cor de laranja* e *laranja*. É possível que a expressão *cor de laranja* tivesse um valor adjetival, depois herdado por *laranja* quando a expressão ficou reduzida ao seu núcleo semântico. Esta conversão bloqueou a possibilidade de variação do adjetivo (cf. *vestido(s) laranja, saia(s) laranja*), que foi finalmente convertido em nome masculino (cf. *o laranja*) para nomear a cor.

Sabe-se que o étimo remoto de *laranja* se encontra no Sânscrito e que a chegada ao sul europeu, por volta do século 10, ocorre por intermédio de um étimo veicular Árabe. Estes factos justificam a inexistência de um étimo latino, e o surgimento de uma lista instável de glosas latinas construídas entre os séculos 16 e 19 nos dicionários europeus de que os dicionários portugueses fazem eco.

FONTES LINGUÍSTICAS HISTÓRICAS – CIDRAS E DERIVADOS

É possível que os citrinos (amargos) tenham chegado à Europa meridional antes do século 10, disseminados no período final do império romano com designações provenientes do nome *citrus*, mas a linhagem desta forma latina é igualmente bastante imprecisa.

Lewis & Short (1879) defendem que a forma latina *citrus* é provavelmente “a mutilation of κέδρος, cedrus” e atribuem-lhe dois significados, como que reconhecendo que este problema de identificação das espécies é ancestral:

- (34) I. The citrus, an African tree [...] whose very fragrant wood (v. citrum) was used in making household furniture, and was prized very highly
- II. The citron-tree (also called malus Medica, Persica, etc.), *Citrus Medica*, Linn., whose fruit and leaves were laid between the folds of clothing to preserve it from worms

Provavelmente, as árvores que os romanos primeiro identificaram como *citrus* eram *cedros*¹⁸, provavelmente na Grécia. Mais tarde, talvez por desconhecimento, terão adotado o mesmo nome para referir uma árvore distinta. Smith (1890) acolhe o parecer do botânico francês Fée (1835), afirmando que “for a long period [...], the citron was without any specific name among both the Greeks and Romans”. Tanto Fée (1835) como Smith referem que Teofrasto, um filósofo grego do século 3 aC, discípulo de Aristóteles, escreveu um tratado de botânica intitulado *Historia plantarum*, onde lhes chama árvores Médias ou da Pérsia, dada a sua proveniência, enumera as suas propriedades (árvore fragrante, com espinhos e frutos amargos e incomedíveis, folhas que repelem as traças na roupa, refrescam o hálito, tratam a asma e são antídoto para a ingestão de veneno de peixes) e ensina como propagá-la. Uns séculos mais tarde, Plínio o Velho, um naturalista romano do século 1 dC, descreve a árvore assíria, a que associa o nome *citrus*, como sendo “realmente exótica” e também ensina a cultivá-la¹⁹. Só então esta espécie se terá instalado na península itálica. Em Meillet e Ernout (1932), a confusão terminológica que afeta *citrus* é clarificada, podendo este nome latino designar o *cedro* (*cipreste, tuia*) ou a *cidreira*.

¹⁸ Cf. Smith (1890) “the tree called citrus (a species of cedar or juniper), the wood of which was highly esteemed by the Romans for furniture.”

¹⁹ O texto de Plínio está traduzido em

www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0137%3Abook%3D12%20%3Achapter%3D7.

(35) **citrus, -ī f.** : thuya, cédratier. M. L. 1957.

Dérivés : *citrum* n. : bois de thuya (déjà dans Caton); *citrium* n. : 1^o cédrat; 2^o sorte de citrouille; **citriolum*, M. L. 1956. Cf. encore *citreus*; *citrētum*; *citrōsus*; *citrāgō*, *citreāgō* : citronelle, mélisse. M. L. 1955.

Le même mot *citrus* a servi pour désigner deux arbres tout à fait différents : le « thuya » (qui se dit en gr. κέδρος aussi bien que θύτα) et le « cédratier » (cf. Pline 13, 103). *Citrus* n'est pas emprunté directement au gr. κέδρος; mais tous deux peuvent être des emprunts indépendants à une langue indo-européenne; et l'on peut penser aussi à un intermédiaire étrusque. Les noms du cédrat et du cédratier en grec (κίτρον, κίτριον, κίτρεα) semblent être, au contraire, des emprunts au latin; cf. Fohalle, Mél. Vendryes, 166 sqq.

Fontes textuais – cidra e derivados

De *citrus* ficou memória em várias línguas românicas, como no Francês *citron* 'limão', e no Português *cidra*, *cidrão* ou *cidreira*. A primeira atestação de *cidra* ocorre no mesmo documento, datado de 1377, em que ocorre a primeira atestação de *laranja*, assinalado por Ramon Lorenzo (1968: 220):

(36) Romãas e laranjas e limões e **cidras**

No CdP, a primeira atestação de *cidra* data do início do século 15 (cf. 37a). Trata-se de uma receita de *diacidrão*, que seria uma conserva feita com “bõas cidras”. Este valor semântico mantém-se durante os séculos seguintes, e no século 19 *cidra* ocorre na formação de um nome de cor (*cor de cidra*), presumivelmente mais próxima do amarelo (cf. 37b). Uma outra ocorrência, oitocentista, mostra um significado talvez distinto e que talvez esteja próximo dos valores contemporâneos de *sidra* (cf. 37c). Esta confusão ainda se mantém, até porque a grafia de *sidra* em Inglês é *cider*.

- (37) a. Pera fazer diacidrão Escolherão muyto bõas **cidras** & bem feytas que nã Sejam quejmadas da jeada nẽ Verdoemgas (*Tratado de Cozinha Portuguesa*, s. 15)
- b. Era uma criaturinha mirrada, de linhas aduncas, pele engelhada e cor de **cidra** (Eça de Queirós, *O Crime do Padre Amaro*, s. 19)
- c. Havia sorvete, **cidra**, cerveja, vinho do Porto, chocolate (Adolfo Caminha, *A Normalista*, s. 19)

Quanto a *cidrão*, a primeira ocorrência, no século 15, é também partilhada com *laranja* e remete também certamente para um fruto (cf. 38a). A segunda ocorrência, no século 17, indicia um significado diferente, um doce de cidra (cf. 38b), semelhante ao *diacidrão* (cf. 37a).

- (38) a. Ao domjnguo de rramos mandou o Rey de Mõbaça ao capitam moor hũ carneiro e mujtas laranjas e **cidrões** e canas daçuquar (*Diário da viagem de Vasco da Gama*, 1498)

- b. Dai-me cá aquelle **cidrão**, que o quero comer todo (Francisco Manuel de Melo, *Carta de Guia de Casados*, 1650)

As ocorrências de *cidreira* têm início no século 16. O contexto permite compreender que se trata do nome de uma árvore, que essa árvore é distinta da *laranjeira* e que a cor dos respectivos frutos é distinta: os da *laranjeira* têm uma cor linda e os da *cidreira* são amarelos e pesados (cf. 39a). A ocorrência seguinte, no século 17, refere uma erva e não uma árvore (cf. 39b):

- (39) a. A laranjeira tem no fruto lindo A cor que tinha Dafne nos cabelos. Encosta-se no chão, que está caindo, A **cidreira** cos pesos amarelos; Os fermosos limões ali cheirando (Camões, *Obras*, s.16)
- b. A Hortelã [...] A Múrta [...] O Treuo [...] a Arruda [...] os Malmequeres [...] Erua **Cidreira** ally mostra esperança, A Hortelã do Rio [...] (Manoel Thomas, *Insulana*, s.17)

Na família da *cidra*, a forma *cidral*, um locativo, é a que revela a atestação mais antiga, ainda no século 13:

- (40) & de directo deuemos auer naquele **cidral** que é este na Pedra do Vento termho de Coymbra (*Documentos do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*, 1270-1299)
- hûu tereo de leyra que chamã o **Çidral** (*Textos Notariais. História do galego-português*, 1301-1399)

Fontes lexicográficas – *cidra* e derivados

A forma *cidra* é glosada por Cardoso (1569-1570) como *malum citreum*, glosa que Pereira (1697b) atribuirá a *laranja*, e *indicum pomum* é glosado em Português como *cidra Galenus*. Barbosa (1611) usa a mesma glosa (*malum citrium* e as variantes *malum citreum* e *citrium*), mas numa outra entrada, *cidra*, *limão* e *lima* são apresentados como palavras equivalentes, e glosados ainda por *malum hesperium* e *poma hesperia*. Em Pereira (1697b), como referido em (10), *malum hesperidum*, *assyrium*, *medicum* e *citrium* são as glosas indiferentemente atribuídas a *cidra*, a *limão* e a *laranja*, e *cedromelon* é partilhada por *laranja* e *cidra*. Em Pereira (1697b), *cidra* aparece ainda como tradução de *citrium* (e de **citrum*), mas a referência parece ser distinta, dado que a equivalência apresentada é com *maçã de cedro* e *pão de cidreira* / (*pão de*) *cedro*. Nem Bluteau (1712-1728), nem Franco (1716), nem Folqman (1755), nem Figueiredo (1913) apresentam glosas distintas das já referidas (i.e. *citreum* / *citrium*; *malum citreum* / *malum citrium*; *pomum citreum*; *malum medicum*), nem outras interpretações. A única outra glosa que merece atenção é *malum struthium*, que surge em Vieira (1871). Esta glosa é frequentemente atribuída ao *marmelo*. Curiosamente, Figueiredo (1913) refere que *cidra* é sinónimo de *gamboa* e esta de *marmelo*, adensando a confusão terminológica²⁰.

O verbete de Morais (1813) define *cidra* como *fruto da espécie do limão azedo, muito mayor, e de cuja casca se faz doce* e Vieira (1871-1874) como *fructa da espécie do limão, porém maior e agrodoce*. A referência à casca usada para fazer um doce lembra uma das aceções de

²⁰ *Marmalade*, o empréstimo do Português ao Inglês, pode encontrar nesta confusão terminológica algum indício de clarificação.

laranjada encontrada em Pereira (1697a) (cf. 28) e Franco (1716) (cf. 30). E em Vieira (1871-1874) e Aulete (1881) percebe-se que o doce de cidra se pode chamar apenas *cidra*.

Vieira (1871-1874) e Aulete (1881) apresentam uma segunda entrada para *cidra*, que refere uma bebida feita a partir da fermentação de maçãs (ou de mandioca, no Brasil) e ambos, tal como Figueiredo (1913), apresentam um étimo latino específico, *sicēra*, do grego *sikera*, proveniente de uma palavra hebraica que designa uma espécie de bebida embriagante, segundo Vieira²¹. Vieira e Figueiredo mencionam equivalentes noutras línguas, o castelhano *sidra*, o italiano *sidro*, e o francês *cidre*, que mostram uma alternância gráfica no início da palavra. Talvez por influência do Castelhana, a do Português irá mudar e Figueiredo (1913) dá conta dessa mudança ao listar *cidra* e remeter para *sidra*.

Cidrão tem registos em Pereira (1697), Bluteau (1712-1728), Morais (1813), Vieira (1871-1874), Aulete (1881) e Figueiredo (1913). Nos dois primeiros, *cidrão* é apresentado como equivalente de *cidra*, e ambos como frutos da *cidreira*. Morais explica que *cidrão* é uma *cidra grande* e Vieira define-o como um *augmentativo de cidra*. Por último, Aulete (1881) e Figueiredo referem que *cidrão* é uma *cidra de casca grossa*. Parece consensual a perspetiva de que o *cidrão* é um tipo de *cidra*, provavelmente maior em tamanho e casca mais grossa. Essa parece aliás ser a condição necessária à ocorrência da segunda aceção²², registada a partir de Morais (1813), que é a de *doce da casca da cidra*. Provavelmente, este doce é idêntico ao que encontrámos com os nomes de *cidra* e *laranjada* e provavelmente também semelhante ao doce referido como *cidrada*, *diacidrão* ou *casquinha*, de que Folqman (1755) dá a receita²³

A forma *cidreira* ocorre de Cardoso (1569-1570) a Figueiredo (1913) com dois valores semânticos: árvore (*citrus, malus citrea*) e erva (*citriago, apiastrum, melissophyllum, melissa*). De um modo geral, as glosas latinas atribuídas a esta árvore são idênticas às que foram usadas para a *laranjeira*, mas Vieira (1871-1874) descreve-a como uma *arvore semelhante ao limoeiro de que se distingue em dar fructos muito maiores*. Dois momentos anteriores revelam problemas terminológicos. O primeiro surge em Pereira (1697), que estabelece uma equivalência entre *citrus, cidreira árvore, cedro e medica malus*. E o segundo encontra-se no seguinte comentário de Bluteau (1712-1728):

Háse de advertir, que os Antigos chamavaõ Citrus, huma arvore, que não era cidreira, & que em Portuguez se poderia chamar Citra se se offerecera occaziaõ de traduzir do Latim em Portuguez a palavra Citrus. Não he pois maravilha, que não tenhamos nome proprio Latino, para significar Cidreira, que naquelle tempo só nacia em Africa. Era muyto estimada particularmente por causa da sua madeira, de que se faziaõ mezas, & outros móveis de casa.. [...] A madeira daquella arvore se chamava Citrum, & quando achardes em Plinio Mensa citrea, lembraivos de traduzir huma meza de Citra, ou da arvore, que os Antigos chamavaõ Citrus, & não digais huma meza de páo de Cidreira, ou de páo de côr de Cidrão

Em Folqman (1755), surge a referência à *flor de cidreira* e à *água de flor de cidreira*, o que já se tinha encontrado na *laranjeira*.

Quanto à *erva cidreira*, chama-se assim, segundo Bluteau (1712-1728), porque *tem folhas que cheiraõ a cidra*. Bluteau refere ainda que esta erva atrai as abelhas e que *alegra o coração, &*

²¹ Segundo Lewis & Short (1879), a forma latina *sicēra* é proveniente do Grego *σίκερα*, que por sua vez tem origem hebraica, referindo uma bebida fermentada de fruta, sem especificar qual. É pouco provável que, na Grécia ou noutras regiões meridionais, a fruta fosse maçã. Em Portugal, destilados do bagaço da uva ou de medronho são provavelmente mais antigos e não são *sidras*. É mais provável que o destilado de maçã tenha chegado de França. A razão pela qual o nome francês é *cidre* deve ser equacionada à luz de todas as questões terminológicas que afetam este domínio do léxico, e em que o francês *citron* ‘limão’ também participa.

²² Há uma outra aceção (doença dos bois), de Bluteau (1712-1728) a Figueiredo (1913), que não é aqui relevante considerar.

²³ Cf. *talhada de cidra, cortida em salmoura, e cuberta de assucar*.

expelle a melancholia; planta aromatica e medicinal, dirá mais tarde Vieira (1871-1874), que também apresenta a classificação de Lineu (*melissa officinalis*)

A forma *cidral* é menos complexa: não tem variação na forma e a semântica é igualmente constante (*pomar de cidreiras, mata de cidreiras*).

Por último, deve registar-se que, nos dicionários de Barbosa (1611), Pereira, Bluteau (1712-1728) e Franco (1716), *cidra, cidrão, cidreira* e até *cedro* ocorrem inseridos na expressão ‘cousa de’, associada a glosas latinas (cf. *citreus, ea; citrinus*) que mais tarde entrarão no léxico alatinado do Português. De facto, *cítreo* (relacionado com *cidreira*, e com *limoeiro*, apenas em Aulete (1881)) ocorre em Bluteau (1712-1728), Aulete (1881), Morais (1813) e Coelho (1890); e *citrino* refere *cor de cidra* em Bluteau (1712-1728) e Morais (1813), *cor de cidra ou limão*, em Aulete (1881) e *cor de limão* em Coelho (1890). Mas a exploração do radical neoclássico vai mais longe: *cítrico* (ácido extraído do limão ou outros frutos ácidos); citrato (sal resultante da combinação do ácido cítrico com um base); e *citronela* (ervas que cheiram a limão) ocorrem em Aulete (1881) e Coelho (1890); e citrina (pedra preciosa de cor amarela) ocorre apenas em Coelho (1890).

A família das *cidras*

Esta família de palavras está documentada desde o final do século 13, com as formas *cidra* e *cidral*. Provavelmente, a chegada destas formas à Península Ibérica terá ocorrido por intermédio do Latim Vulgar falado nesse território, dado que provêm de formas que contêm o radical latino *citr-*, herdado de uma forma grega que referia uma árvore pinácea e não uma rutácea. Ainda que as *cidras* fossem frequentemente confundidas com as *laranjas* até ao século 16, sendo atribuídas glosas latinas idênticas às duas.

O aparecimento do aumentativo *cidrão*, pelo menos a partir do século 15, mostra que estes frutos tinham grandes dimensões. A sua casca grossa terá facilitado o surgimento de um doce, cuja nome pode ser o próprio nome do fruto (*cidrão*), mas também se pode chamar *cidra, diacidrão, cidrada* e *casquinha*.

Ainda que as atestações de *cidreira* (ou *cidroeyra*) sejam mais tardias, é provável que a referência à árvore das *cidras* seja contemporânea à referência ao nome do fruto, e de novo se constata que as glosas latinas usadas nas fontes lexicográficas são semelhantes às que surgem atribuídas a *laranjeira*. Deve ainda referir-se que, antes de cair em desuso, a árvore chamada *cidreira* se aproximou do *limoeiro*, afastando-se da *laranjeira*.

Ainda que os dados do *Corpus do Português* tenham um valor meramente ilustrativo, verifica-se que os registos de *cidra* e *cidreira* sofrem um decréscimo no século 18, voltando a crescer nos séculos 19 e 20, mas esse recrudescimento corresponde à ascensão da referência à *erva cidreira* e à confusão de *cidra* com *sidra*, como referente da bebida fermentada de maçã.

É, por último, relevante notar que o radical latino *citr-* é recuperado, a partir do século 18, para formar formas adjetivais e substantivas cuja referência se aproxima do limão, do amarelo e da acidez.

LARANJAS E CIDRAS

Em suma, a história de *cidra*, dos derivados de *cidra* e dos derivados de *citr-* revela-se tão complexa quanto a de *laranja* e dos seus derivados, mas a possibilidade de as relacionar aumenta a capacidade de conhecer melhor cada uma delas.

Os dados cronológicos mostram uma quase contemporaneidade de *cidra* e *laranja*, embora haja indícios de alguma anterioridade de *cidra*, considerando a ocorrência de *cidral* ainda no século

13, mas a questão não se resolve no âmbito estrito do léxico do Português, sendo necessário recuar aos dados do Latim Vulgar Ibérico. Por outro lado, *cidra* e *laranja*, têm certamente diferentes proveniências: *cidra* vem do mundo românico e *laranja* do mundo árabe. A *cidra* chega à Península Itálica como um fruto exótico, e vai-se instalando nos hábitos da Europa meridional romanizada, pelas suas propriedades ornamentais, terapêuticas e perfumeadas, chegando à Península Ibérica onde o clima seria favorável ao cultivo. A *laranja* chega, mais tarde, cerca do século 10, bela bacia do Mediterrâneo, entrando na Sicília e no Al-Andaluz, com o nome Árabe *nārānġa*, vindo do persa *nārang* que provém do Sânscrito *nāraṅgáḥ*²⁴. São também ornamentais as razões que levam ao seu cultivo, sendo os frutos pouco prestigiados. No período em que se cruzam na Península Ibérica, talvez as *cidreiras* e as *laranjeiras* fossem o mesmo tipo de árvore, e talvez houvesse apenas algum contraste na dimensão dos frutos, sendo os maiores os preferidos para a produção do doce que se terá tornado apreciado. Mas a chegada da laranja doce, proveniente da China, a partir do século 15, terá provocado várias mudanças. As *cidreiras* deixam de ser cultivadas: desaparece o fruto, o doce e o nome. E a hibridização das *laranjeiras* trará às *laranjas* um prestígio inesperado e que terá eco nas designações que o novo híbrido vai receber nas línguas do Norte de África, no Grego e em diversas outras línguas²⁵. Os dados do Grego ajudam a consolidar esta hipótese²⁶. Segundo o dicionário de Grego Moderno de Triantafyllidis²⁷, a forma *πορτοκαλί* [portoka'li] provém da forma italiana *portogallo* 'laranja doce' e mais especificamente da forma plural *portocalli* (este plural é interpretado pelos gregos como singular, dado que, no Grego Moderno, muitos nomes neutros terminam em *-i*). Talvez o étimo próximo esteja num dialeto do sul de Itália, onde este tipo de nomes para a laranja doce é abundante. É relevante notar que, em Grego, a palavra não ocorre em nenhuma fonte lexicográfica anterior a 1669.

Falta compreender como se chega à forma portuguesa *laranja*. Losa (1996: 263) considera que a forma portuguesa provém da castelhana:

“je suis convaincu qu’il s’agit d’une transformation de *naranja*, phénomène tout naturel dans notre idiome – comme l’évolution de: *mémorare* – *nembrar* – *lembrar*. De même pour le passage du mot latin *anima* à *alma*”

A hipótese de obtenção da forma portuguesa por empréstimo ao Castelhana esbarra em diversos problemas. A argumentação fonética que está na base de uma possível mudança de [n] para [l] assenta em exemplos que não distinguem o Português do Castelhana: *alma* e *lembrar* são ou foram palavras disponíveis no Castelhana. Por outro lado, o contraste fonético entre *naranja* e *laranja* não ocorre apenas no início da palavra, mas também na última consoante. Pouco se sabe sobre este assunto, mas a evolução do Árabe para o Português envolve a evolução da africada pós-alveolar palatal vozeada [dʒ] para a fricativa palatal vozeada [ʒ], o que parece mais plausível do que a evolução da africada pós-alveolar vozeada [dʒ] para a fricativa velar surda [x] do Castelhana e, finalmente, para a fricativa palatal vozeada [ʒ] do Português.

J. P. Machado (1952-1959: 386) admite a hipótese da forma portuguesa provir diretamente do Árabe, mas por intermédio de uma forma do “árabe vulgar” que “é nome de unidade de *laranj*, muito espalhado pelos dialectos ocidentais”.

²⁴ A grafia destas formas varia muito. A versão aqui apresentada é a de Corominas e Pascual (1981).

²⁵ Cf. Árabe البرتقالي (alburtaqali); Georgiano ფრთოხალი (p'ort'okhali); Grego πορτοκαλί (portokalí); Macedónio πορτοκαλοva (portokalova); Romeno portocaliu.

²⁶ Agradeço a Simeon Tsolakidis, que reuniu e me facultou estes dados.

²⁷ Consultável em http://www.greek-language.gr/greekLang/modern_greek/tools/lexica/triantafyllides/search.html?lq=%CF%80%CE%BF%CF%81%CF%84%CE%BF%CE%BA%CE%AC%CE%BB%CE%B9&dq=

²⁸ A forma árabe para 'laranja amarga' é نَارَنْجٌ, cuja realização fonética é, de acordo com o Wiktionary /na:.randʒ/ (cf. <https://en.wiktionary.org/wiki/%D9%86%D8%A7%D8%B1%D9%86%D8%AC>).

o “dualismo hispânico (*laranja-naranja*) faz-me hesitar quanto ao caso português: tratar-se-á da evolução ar. *naranjá* < port. *laranja*, ou, talvez antes, de port. *laranja* < ár. vulgar *laranjá*?”

A pergunta não é respondida, mas pode haver argumentos distintos que vão num sentido semelhante. Numa consulta sobre as formas italianas *arancio* e *arancia*, Paoli (2009) disponibiliza a seguinte informação:

“La voce deriva dall'arabo persiano *nāranġ*, con caduta della *n* iniziale ritenuta parte dell'articolo (*un *narancio* > *un arancio*)

A hipótese de deglutinação por metanálise da forma árabe é muito plausível e tinha já surgido em Pianigiani (1907), que também regista uma forma de “baixo Latim” *arangia* (s.v. *arancio*): “la N iniziale scambiata per l'articolo UN venne omessa”. Idêntica deglutinação ocorre no Provençal *auranja* e no Catalão *aranja*.

É possível que o mesmo processo tenha ocorrido no Português e que o artigo indefinido tenha sido substituído pelo artigo definido (Ár. *nārānyā* → **aranja* → **l'aranja* → Ptg. *laranja*). Esta hipótese de evolução autónoma para o Português (e o Galego) precisa de ser mais trabalhada, mas o foco do presente trabalho é a discussão de um modelo de análise que permita colher a informação necessária e relacioná-la produtivamente para construir melhores hipóteses. A história da laranja, e do que a rodeia, serve apenas para mostrar que a quantidade de informação disponível é muito grande, por vezes difícil de ler e compreender e que facilmente se pode cair numa irrazoável confusão de dados. Dispor de descrições lexicográficas que permitam aceder a informações escolhidas, colhidas em fontes históricas que tenham em atenção a plausibilidade dos contactos linguísticos, é uma bela missão para a conceção de um novo modelo lexicográfico, como o *European Roots*.

Referências bibliográficas

- Aulete, F. J. Caldas (1881). *Diccionario contemporaneo da língua Portuguesa*. 2v. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Barbosa, A. (1611). *Dictionarium Lusitanicolatinum*. Bracharae : typis, & expensis Fructuosi Laurentij de Basto. Consultado em clp.dlc.ua.pt [07/06/2020].
- Bluteau, R. (1712-1728). *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Consultado em clp.dlc.ua.pt [07/06/2020].
- Cardoso, J. (1569-1570). *Dictionarium Latinolusitanicum & Vice Versa Lusitanico Latinu*. Conimbricæ: Joan Barrerius. Consultável em clp.dlc.ua.pt [07/06/2020].
- Chantraine, P. (1968) *Dictionnaire Etymologique de la Langue Grecque*. Paris: Éditions Klincksieck.
- Coelho, F.A. (1890). *Diccionario Manual Etymologico da Lingua Portuguesa*. Lisboa, P. Plantier – Editor. Consultado em bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26038 [07/06/2020].
- Corominas, J. & Pascual, J. A. (1981). *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Histórico*. Madrid: Gredos.
- Cunha, A. G. (1994). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2ª edição.

- Dugo, G. & Di Giacomo, A. (2002). *Citrus: The genus citrus. medicinal and aromatic plants-industrial profiles series*. New York: Taylor & Francis Group, CRC Press.
- Fée, A. L. A. (1835). *Flore de Virgile, ou Catalogue raisonné des plantes citées dans ses ouvrages*. Consultado em [gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k298102/ f108.item.r=citrus](http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k298102/f108.item.r=citrus) [07/06/2020].
- Figueiredo, C. de (1913). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova ed. corr. e copiosamente ampl. Lisboa: A.M. Teixeira. 2 v.
- Ferrão, J. M. (1992). *A Aventura das Plantas e os Descobrimentos Portugueses*. Lisboa: CNCDP.
- Ferrari, G. B. (1646). *Hesperides siue de malorum aureorum cultura et vsu Libri quator Io*. Rome: Sumptibus Hermanni Scheus.
- Folqman, C. (1755). *Diccionario Portuguez e Latino*. Lisboa: Off. de Miguel Manescal da Costa. Consultável em clp.dlc.ua.pt/DICIweb/default.asp?url=Obras. [07/06/2020].
- Franco, A. (1716). *Indículo Universal*. Universidade de Évora. Consultável em clp.dlc.ua.pt/DICIweb/default.asp?url=Obras. [07/06/2020].
- Losa, A. (1996) Les noms du fruit “orange”. In Vermeulen, U. & Smet, D. de, orgs. (1996). *Philosophy and Arts in the Islamic World* (255-288). Leuven: Peeters Press e Department of Oriental Studies.
- Lewis, C. T. & Short, C. (1879). *A Latin Dictionary. Founded on Andrews' edition of Freund's Latin dictionary*. Oxford: Clarendon Press. Consultado em [www.perseus.tufts.edu/hopper/ text?doc=Perseus:text:1999.04.0059](http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0059) Consultável em [07/06/2020].
- Lorenzo, R. (1968). *Sobre Cronologia do Vocabulário Galego-Português (Anotações ao 'Dicionário Etimológico' de José Pedro Machado)*. Vigo: Editorial Galaxia.
- Mabberley, D. J. (2004). Citrus (rutaceae): a review of recent advances in etymology, systematics and medical applications. *Blumea* 49 (481–498). doi: 10.3767/000651904X484432.
- Machado, J. P. (1952-1959). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Horizonte.
- Marques, J. M. da S. (1944). *Descobrimentos Portugueses: documentos para a sua história*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- Meillet, A. e Ernout, A. (1932). *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine: Histoire des mots*. Paris: Éditions Klincksieck.
- Meringer, R. (1904) Wörter und Sachen. In *Indogermanische Forschungen* 16 (101-196).
- Morais Silva, A. (1813). *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Typ. Lacérdina. 2 v. 2ª edição. Consultado em www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/ [07/06/2020].
- Paoli, Matilde (2009). *Si dice arancio o arancia?* Accademia della Crusca. Consultado em accademiadellacrusca.it/it/consulenza/si-dice-arancio-o-arancia/226 [07/06/2020].
- Pereira, B. (1697a). *Thesouro da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Craesbeck.
- Pereira, B. (1697b). *Prosodia in Vocabularium Bilingue, Latinum et Lusitanum*. Eborae: Typ. Academiae. Consultado em clp.dlc.ua.pt [07/06/2020].
- Pianigiani, O. (1907). *Vocabolario Etimologico della Lingua Italiana*. Florença. Consultado em [www.etimo. it/?pag=hom](http://www.etimo.it/?pag=hom) [07/06/2020].

- Ramón-Laca, L. (2003). Introduction of cultivated citrus to Europe via Northern Africa and the Iberian Peninsula. In *Economic Botany* 57. 4 (502-514).
- Ramon-Laca, L. (2008). The cultivated citrus-origin, history and traditional uses known in the Mediterranean region. In Peter, K.V., orgs. (2008). *Underutilized and Underexploited Horticultural Crops* (3.3: 241-264). Nova Deli: New India Publishing Agency.
- Reuther, W. et al., orgs (1967) *The Citrus Industry 1. History, distribution, botany, and varieties*. Berkeley: Universidade da California.
- Schuchardt, H. (1912) Sachen und Wörter. In *Anthropos* 7 (827–839).
- Smith, W., org. (1890) *A Dictionary of Greek and Roman Antiquities*. Londres: John Murray.
- Vieira, Domingos (1871-1874) *Grande Dicionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portuguesa*. 5v. Porto: Ernesto Chardon e Bartolomeu H. de Moraes.
- Villalva, A. (2019). European Roots: outline of a project. In Villalva, A. & G. Williams, orgs (2019). *The Landscape of Lexicography. Dicionarística VI*. (27-79). Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - Universidade de Aveiro. Consultado em [07/06/2020].

Corpora

- CdP = *Corpus do Português*: 45 million words, 1300s-1900s. Consultado em www.corpusdoportugues.org/x.asp [07/06/2020].
- CLP = *Corpus Lexicográfico do Português*. Consultado em clp.dlc.ua.pt [07/06/2020].